

Foi um sonho. Alguém passou e foi-se. Eu fiquei no vácuo de um perfume que há muito não sentia. Embriaguei-me: meus cabelos, minha roupa, meu corpo. Minha alma sentiu-se inebriada. Não era nada disso. Não era paixão nem amor como podem pensar. Eram apenas lembranças.

Virou o corpo num volteio romanesco. Vi um rosto iluminado pelo sol a pino. A penumbra era só do espírito, que por trás, dedo em riste, descreve-me insonoro os perigos já vencidos, os prazeres já consumidos. Sobre a testa os cabelos longos, representando sem maquiagem os confins dos ancestrais perdidos no tempo imensurável da terra, desde quando foi pisado o cascalho que cobre o planeta; um risco de sombra fustigou a testa reta, sem modificar o perfil superior e sensual de muitas vidas acumuladas.

Em pé, o tempo sugando-me para muito além deste momento, vi-me nas cabanas, nos platôs, no gelo... Corria veloz, sem preocupação... do lado os animais, as pradarias, os campos... atrás a cortina verde de imensas árvores seculares, como os robles... aos meus pés jazia a grama seqüenciada de flores, as mais belas, as vermelhas, as amarelas, as azuis... um impacto e o tempo some.

Primeiro deparam-me uns lábios brilhantes, quase da cor do bronze, úmidos como as pedras da beira do mar. Os rictos finíssimos mostram-se imperturbáveis, seguros e transbordantes de seiva do corpo gentílico que faz estremecer. Os olhos irrequieten não me fitam, porque não me enxergam. Não que sejam cegos, sem luz, o que têm muito.

Descubro-me invisível. Uma presença impávida, sem cor, sem som. Passam, como se passassem por dentro de mim. Não sinto o impacto, não sinto o frêmito. Sinto só a presença e o sentimento de conhecer o que acontece.

O átimo do tempo, porque é isso mesmo: é átimo. É breve. Seguem-se seqüências incontáveis de lembranças e de vidas. É como se sentasse na pedra da montanha e esperasse o sol se por, ou se resguardasse em casa e, pela janela, esperasse a aurora boreal.

Então, o inesperado acontece. Ao brilho do olhar, ao estrépito do corpo ereto e elástico, alguns movimentos são desfeitos. O corpo se destorce, o tecido amaciado das vestes balança, uma ponta vai, outra vem. De surpresa, se vira para mim. Como se me conhecesse e fosse cumprimentar-me.

Face-a-face surpreendo-me. A beleza de sempre, deixa o lugar sem cor, sem som, sem sabor. Anda para mim... como se fosse abraçar-me ... Pelo menos penso assim... Passa por, por dentro de mim... Sou só uma sombra milenar.